

SILVA, Semíramis Corsi. *Magia e Poder no Império Romano - A Apologia de Apuleio*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012, 226 p.

Carlos Eduardo da Costa CAMPOS*

Na atualidade, como podemos analisar as diversas práticas religiosas existentes nas sociedades ocidentais e orientais? Seria possível afirmar que temáticas tais como a religião, o mito e a magia foram marginalizadas com o advento do pensamento racional e o desenvolvimento tecnológico, assim confirmando o que fora preconizado pela famosa *teoria da secularização*? Ou será que em virtude disto a magia desapareceu do mundo em meio ao processo de *desencantamento*? Estes três temas: religião, mito e magia constituem as sociedades humanas desde os seus primórdios, assim continuando a se consolidar na vida cotidiana de inúmeros grupos sociais nos séculos XX e XXI como resultado de uma busca por certezas e resultados, as quais a Ciência demonstrou uma possível incapacidade de explicação.

No mundo antigo – nosso período de investigação histórica –, é perceptível a ação da esfera sagrada regendo diversas etapas da vida dos sujeitos. Logo, verificamos que os egípcios, atenienses, espartanos, romanos, entre outros povos do Mediterrâneo, buscavam em sua religião os benefícios dos deuses para a manutenção da ordem. Nesta perspectiva as práticas religiosas configuram-se como um instrumento utilizado por lendários governantes e legisladores como Teseu em Atenas, Licurgo em Esparta e Numa em Roma, por exemplo, para a construção e preservação da coesão social. Entretanto, os homens ao lidarem com uma situação desvantajosa ou procurando obter um privilégio também recorriam frequentemente a determinadas *táticas* religiosas, como às práticas mágicas para solucionar os seus problemas do dia a dia, possivelmente por seu discurso eficaz. Todavia, as práticas da magia possuíam diversos interditos, como notamos nas *Leis das XII Tábuas*, em Roma. Um feiticeiro e seu solicitante poderiam sofrer sanções por seu uso, as quais dependendo do período e região chegavam à pena de morte. Tendo em vista o exposto, a acusação de feitiçaria poderia

* Mestrando em História – Programa de Pós-graduação em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, CEP: 20550-900, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Membro do Núcleo de Estudos da Antiguidade - UERJ e do grupo Arqueologia Histórica - UNICAMP. Bolsista CAPES. Orientação da Profa. Dra. Maria Regina Candido (PPGH/UERJ) e co-orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (PPGH/Unicamp). Email: edygniz@hotmail.com

ser uma *estratégia de poder* utilizada em meio a disputas políticas, para disforizar o seu rival ou rivais.

O livro *Magia e Poder no Império Romano – A Apologia de Apuleio*, da jovem historiadora Semíramis Corsi Silva nos possibilita novas leituras referentes às práticas da magia em Roma, no período do Principado (II d.C.). Mediante as acusações feitas a Apuleio, a autora brilhantemente problematiza questões político-sociais como as competições políticas no interior da aristocracia romana, o processo de formação dos jovens das elites locais, assim como questões sobre o casamento e as múltiplas faces que a magia possuía na época. Como objetivos da autora pontuamos a procura pela compreensão das possíveis motivações, que levaram o filósofo Apuleio a comparecer frente ao tribunal de Sabrata – África do Norte –, para se defender da acusação de magia no século II d.C.

A documentação de base para os estudos de Semíramis Corsi Silva, se encontra exposta no próprio título do livro, ou seja, a obra *Apologia*. A autora argumenta que a fonte é uma transcrição do discurso de autodefesa proferido por Apuleio, para defender-se da acusação de feitiçaria (SILVA, 2012, p.29), a qual foi realizada por membros da família de sua esposa, a rica viúva Emília Pudentila, e do falecido marido desta oriundos da cidade de Oea, no Norte da África. A datação do referido texto clássico é imprecisa podendo ser situada entre 157 d.C. – 180 d.C., além da possibilidade de ser considerada como uma obra póstuma. Analisando a *Apologia*, como uma transcrição feita por Apuleio, Semíramis C. Silva levanta a probabilidade do referido acusado se autopromover com a produção em forma literária, assim denotando suas conquistas e atributos como orador (SILVA, 2012, p. 80-1).

No que tange a organização do livro o mesmo foi dividido harmoniosamente em quatro capítulos, além do prefácio elaborado pelo Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES) e a apresentação pela Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (UNESP). O prefácio construído pelo Prof. Ventura da Silva nos informa sobre a historicidade das práticas mágicas no cenário acadêmico contemporâneo, assim expondo os olhares que tal objeto de estudo obteve ao longo do tempo e relacionando-se com as pesquisas sobre o Império Romano. Quanto a Prof.^a Carvalho verificamos que a mesma nos instiga a curiosidade sobre a produção de Corsi Silva, pelo caráter inovador de seus estudos sobre a *Apologia* de Apuleio.

Ao analisarmos o primeiro capítulo verificamos que Silva busca contextualizar a figura de Apuleio. Desta maneira a autora nos ressalta o processo de formação sócio-

cultural, que o mesmo obteve em sua trajetória de vida. Mediante seu preparo educacional, além das suas redes de relações familiares e políticas podemos entender os cargos que o mesmo ocupou em Madaura (colônia agrária romana da África). Assim Corsi Silva denota as funções de *diunviro* e decurião, além de orador e filósofo atribuídas a Apuleio. Aos respectivos cargos da magistratura e do senado local, Silva pontua que possivelmente o filósofo de Madaura ascendeu a eles devido à hereditariedade das funções. Em consequência do prestígio de Apuleio, Silva expõem as competições políticas geradas por membros das aristocracias locais ávidas por poder e obtenção de riquezas (SILVA, 2012, p.38-9).

No capítulo dois Silva problematiza questões como a datação da obra, as modificações presentes do discurso oral para o escrito, as motivações para a elaboração do texto e o público alvo. Nesse capítulo convidamos aos estudiosos e leigos a apreciarem as múltiplas leituras que levaram Apuleio a ser acusado de feitiçaria. As acusações perpassam pelas relações do mesmo com os cultos místico-filosóficos (SILVA, 2012, p.88-100). O temor à magia e práticas de adivinhação era latente nas elites romanas, por isso havia rigorosas condenações a práticas que desviassem daquilo que foi instituído pelo *mos maiorum*.

No capítulo três o *status* social de Pudentila como viúva, a questão do casamento em Roma e em consequência a riqueza somada de ambos, além da quebra dos acordos visando ao casamento entre a viúva e o irmão de seu falecido marido, são elementos expostos que nos levam a pensar até onde um sujeito era de fato praticante de magia ou um perigoso oponente político-social. No capítulo quatro os envolvidos no processo e as acusações são elencadas por Corsi Silva, assim nos possibilitando conhecer a ótica de Apuleio sobre o que estava acontecendo consigo e desse modo analisar o contexto de época.

A operacionalização teórico-metodológica da documentação ocorre por meio da análise do discurso. Deste modo Semíramis Corsi Silva se vale dos escritos teóricos de Eni Orlandi e Helena Brandão, para elencar a mensagem presente no conteúdo da obra e suas relações com o contexto social de produção. Silva pontuou que analisa “[...] a maneira como [Apuleio] concebeu sua acusação e a significação das acusações mencionadas a ele no século II d.C.” (SILVA, 2012, p.30). Corsi Silva também aplica o conceito de *representação* pela vertente francesa de Roger Chartier, para refletir as diversas formas como um determinado acontecimento ou ação pode ser observado, pensado e representado por um sujeito ou grupo social (SILVA, 2012, p.31).

Outro aspecto salientado por Semíramis Corsi Silva reside na desconstrução dos gêneros praticantes de magia. Através da interação entre as esferas documentais a autora nos convida a problematizar a *representação* das mulheres como feiticeiras em Roma, por meio de obras clássicas de Ovídio e Horácio, por exemplo. Entretanto, quando relacionamos os referidos dados com outros textos escritos de época e fontes oriundas da arqueologia verificamos que a maioria dos envolvidos em processos judiciais por magia eram homens (SILVA, 2012, p.26). Logo, Semíramis Corsi Silva desvela ao leitor as *relações de poder* em Roma e o uso das diferenças de gênero pelos autores clássicos, os quais utilizam a mulher como uma figura para denunciar práticas que estavam cotidianamente sendo efetuadas também por homens e feriam os princípios da *honor e virtus* que integravam o ser cidadão romano.

Em suma a autora nos apresenta a contenda entre Apuleio e a família dos *Sicinnii*, para além da ótica das práticas mágicas. Assim Corsi Silva, nos revela os jogos de interesse, as disputas familiares e as alianças e rupturas políticas provenientes das redes de *amicitia* e dos casamentos realizados pelos aristocratas. Apesar dos cultos místico-filosóficos praticados por Apuleio, o que notamos é uma busca pela preservação da riqueza dos *Sicinnii* em seu meio de influência. Assim, a acusação contra Apuleio tem como sua motivação o casamento deste para com a viúva Emília Pudentila, o que simbolizou um duro golpe a estratégia familiar dos *Sicinnii*, de união da referida mulher para com o irmão do seu falecido esposo. O desenrolar da história fica como incógnita para aguçar ao leitor, desvendá-lo ao longo do livro de Semíramis Corsi Silva, assim conhecendo historicamente os pontos que permeiam a obra *Apologia* e o contexto social no qual Apuleio de Madaura encontrava-se inserido no Império Romano, no período de II d.C. Boa leitura!

Resenha recebida em 15/01/2013. Aprovada em 08/02/2013.